

**O FIO NARRATIVO DE PERSONAGENS FEMININAS EM CANÇÃO PARA
NINAR MENINO GRANDE DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA LEITURA DA
ESCREVIVÊNCIA COMO ESTRATÉGIA NARRATIVA PARA ORIENTAR
LEITORES**

**THE NARRATIVE THREAD OF FEMALE CHARACTERS IN CANÇÃO PARA
NINAR MENINO GRANDE BY CONCEIÇÃO EVARISTO: A READING OF
WRITING AS A NARRATIVE STRATEGY TO GUIDE READERS**

Albania Celi Morais Brito Lira

UFT/UFNT

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar como a escrevivência se configura em estratégia narrativa de orientação da leitura em *Canção para Ninar menino grande*, de Conceição Evaristo, em diálogo com a perspectiva freiriana de leitura de mundo. Este é um estudo de revisão bibliográfica que tem como corpus literário a segunda edição da obra de *Canção para ninar menino grande* (2022). O recorte teórico aborda o conceito de escrevivência proposto por Evaristo (2005, 2020, 2023) com destaque para o papel da narradora em reescrever a narrativa. Quanto à leitura, será abordada a perspectiva freiriana para a importância da leitura, considerando o conceito de leitura do mundo (1989). Serão apresentados os conceitos de escrevivência e leitura de mundo para se estabelecer pontos de diálogo entre os mesmos. A análise dos aspectos acima relacionados verifica como a autora dialoga com a perspectiva freiriana de leitura do mundo a fim de escrever, reescrever e orientar a leitura da obra analisada como exercício de escrevivência.

Palavras-chave: Escrevivência; Conceição Evaristo; Leitura de mundo; Leitor, Paulo Freire;

Abstract: The objective of this work is to present how writing from experience is configured in a narrative strategy of reading orientation in *Canção para ninar menino grande*, by Conceição Evaristo, in dialogue with Freire's perspective of reading de world. This is a bibliographic review study whose literary corpus is the second edition of *Canção para ninar menino grande* (2022). The theoretical approach addresses the concept of writing from experience, by Evaristo (2005, 2020, 2023) with emphasis in the role of the narrator in rewriting the narrative. As for reading, the Freirean perspective will be addressed for the importance of reading, considering the concept of reading the world (1989). The concepts of writing and reading the world will be presented to establish points of dialogue between them. The analysis of the aspects listed above verifies how the author, dialogues with de Freirean perspective of reading the world in order to write, rewrite and guide the reading of the analyzed work, as an exercise of writing of experience.

Keywords: Writing of experience; Conceição Evaristo; Worl reading; Reader; Paulo Freire

Recebido em 05 de setembro de 2023

Aprovado em 30 de dezembro de 2023.

Introdução

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu no ano de 1946, na cidade de Belo Horizonte//MG. Um dos nove filhos de Joana Josefina de Brito, aos sete anos foi morar com a tia Maria Filomena da Silva. Em depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG, afirma que fora morar com esta tia para que a mãe tivesse uma boca a menos para alimentar.

Segue o depoimento falando da realidade das mulheres de sua família, trabalhando como domésticas e lavadeiras e de como, mesmo vivendo em meio à escassez, havia entre essas mulheres a necessidade de contar ou ler histórias, muitas vezes recolhidas do lixo de casas onde trabalhavam. Realidade a partir da qual Evaristo afirma a intenção de construir narrativas que se aproximem do real, atravessadas pelas experiências como mulher negra.

Conceição Evaristo estreou na literatura na década de 1990, com a publicação do poema *Vozes-mulheres*, na série *Cadernos Negros*, editada pelo grupo Quilombhoje¹. Muito embora já escrevesse desde a década de 1970, a própria Evaristo afirma que a publicação de *Vozes-Mulheres* representa essa estreia na literatura. Desde então, segue publicando poemas, contos e romances nos quais exercita o premeditado projeto de escrevivência.

Em 2018, lança *Canção para ninar menino grande*² pela Unipalmars, por ocasião da homenagem recebida, na Faculdade Zumbi dos Palmares, em São Paulo. Na oportunidade, para ser a homenageada, um dos requisitos é que a escritora apresentasse ao público uma obra inédita. É neste contexto que Evaristo finaliza seus escritos e a obra é lançada, no Dia da Consciência Negra. Em 2022, Evaristo relança a mesma obra, com acréscimos pontuais de falas a algumas personagens femininas, que na edição de 2018 haviam sido mencionadas pela narradora, sem, contudo contado de seus amores com Fio Jasmim.

Canção para ninar menino grande nos apresenta a história de Fio Jasmim. Um homem negro, que trabalha como ferroviário e cujo dever era o de “dominar as mulheres, de alguma forma.”(Evaristo, 2022, p.109). Filho de Máximo Jasmim, de quem herdara a

¹ *Cadernos negros*: organizados e editados pelo grupo Quilombhoje, publica anualmente, desde 1978, contos e poemas que veiculam a cultura e o pensamento afro-brasileiro. Os quarenta volumes de poemas e contos proporcionam visibilidade para autores afrodescendentes, fomentando a literatura negra e a produção literária das periferias.

² Ao longo deste artigo, usaremos *Canção...* para nos referirmos à obra *Canção para ninar menino grande* (2022)

profissão, Fio aprendera com o pai que os homes não se deixam vazar pelos olhos e que devem saber do poder que carregam. Cumpre sua missão de sedutor ao longo de parte de sua vida-trabalho como ferroviário. Mesmo casado com Pérola, com quem tem oito filhos, se envolve com mulheres das cidades para onde viaja como ferroviário. Uma dessas mulheres, Juventina, é a responsável por contar à narradora sua própria história e a de outras mulheres que viveram experiências amorosas com Fio Jasmim.

Este trabalho tem por objetivo apresentar como a escrevivência se configura em estratégia narrativa de orientação da leitura em *Canção para Ninar menino grande*, de Conceição Evaristo, em diálogo com a perspectiva freiriana de leitura de mundo. Ao longo do artigo serão apresentados os conceitos de escrevivência e leitura de mundo, e suas convergências para a orientação de leitura da obra analisada.

1.A escrevivência como fio da canção de mulheres negras

A escrevivência: a escrita de nós- reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, organizada por Constância Lima Duarte e Isabela Rosado Nunes traz um depoimento de Evaristo no qual a escritora apresenta alguns subtextos da palavra-conceito escrevivência.

Acerca da palavra escrevivência em seu sentido gerador, a partir do qual esse termo se fundamenta e se expande em sentidos, Evaristo afirma que sua origem é a imagem da mãe preta escravizada, que trabalhava, alimentava, ensinava as primeiras palavras e cantava para adormecer os da casa grande, os quais jamais abririam mão do mando sobre esta mulher escravizada, ou sobre sua descendência.

Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar, desejar e ampliar a semântica do termo. Escrevivência em sua concepção inicial se realiza como ato de escrita das mulheres negras, como ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado em que o corpo- voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (EVARISTO, 2010, p. 31).

A escritora nos fala da escrevivência, sobretudo como resgate, experiência e enfrentamento, por meio do que ela mesma chama de movimento de apropriação da voz e da escrita em consonância com a força da oralidade ancestral. “Afirmo que nada que eu escrevo é inocente. É muito bem pensado.” (Evaristo, 2020, p.40). A obra analisada é exemplo deste movimento de apropriação da voz e da escrita femininas. Nela são as

personagens femininas que têm a voz e que constroem a narrativa sobre as experiências amorosas com Fio Jasmim, o personagem principal da estrutura narrativa. Em entrevista para o Podcast Matéria Bruta, de junho de 2023, Evaristo chega a afirmar que o livro a havia traído, porque, pensando em por um personagem masculino no centro da narrativa, Fio Jasmim pouco fala. São as personagens femininas que têm seus relatos reunidos por Juventina e resgatados pela narradora, cumprindo-se, assim, o movimento de apropriação da voz. À narradora, cabe a apropriação da escrita, como exercício de incompletude que a deixa em “profundo estado de desesperação” (EVARISTO, 2022, p. 8) diante da intenção de perseguir uma escrevivência, ao ponto de recontar a narrativa para dar voz a personagens femininas.

As situações e experiências sociais vividas por Evaristo e transportadas para seu texto ficcional são parte do “premeditado ato de traçar uma escrevivência.” (EVARISTO, 2011, p. 8). Tal afirmação feita pela narradora de *Insubmissas Lágrimas de mulheres*(2011), confirma tanto a intencionalidade da escrita de Evaristo, quanto o permanente diálogo entre narradoras, personagens e as próprias obras, confundidas com as experiências da autora e cidadã Evaristo. Diálogo que parte da vivência de mundo de mulheres a quem Evaristo se refere como suas iguais ou suas irmãs, que ao longo desta e de outras obras, se reúnem em confrarias para contar suas experiências.

Em fala a respeito de contexto em que fora publicada a primeira edição de *Canção...*, Evaristo afirma que havia terminado o texto com certa urgência, para cumprir a exigência do evento na Unipalmars. Urgência que a levaria a perceber, posteriormente, a presença de algumas personagens femininas para as quais não fora dada a oportunidade de contarem as suas próprias histórias. A partir de então, Evaristo passa a trabalhar a narrativa lançada em 2018, para dar voz a essas personagens.

A respeito deste trabalho, a autora afirma que a necessidade de reeditar o texto para acrescentar narrativas à narrativa inicial, transformam a *Canção* em uma obra sui generis, uma vez que essa não é uma prática comum às obras literárias.

Quando li o livro me senti incomodada...Então pra essa segunda edição, eu resolvi... a narrativa precisava da voz dessas personagens ... Essa segunda edição...ela traz histórias que não apareceram na primeira edição... A narrativa precisava da voz dessas personagens” (MATÉRIA BRUTA, 2023).

Em 2022, é publicada a segunda edição de *Canção ...* pela Editora Pallas. Nesta edição, são inseridas as falas de algumas personagens já mencionadas na primeira a fim

de, segundo a autora, compor as possibilidades de entendimento, tanto dessas personagens femininas em suas experiências amorosas com Fio Jasmim, como do próprio Fio.

Para realizar o que durante o podcast Evaristo chama de uma espécie de justificativa, após a narradora encerrar o processo de escuta e recontagem da primeira narrativa, percebe que ficaram alguns vazios de falas. As personagens haviam sido apenas mencionadas pela narradora, mas não escutadas. A partir de então, a narradora retoma sua própria narrativa, para recontar a história dessas personagens em um exercício de intencionalidade próprio da escrevivência.

No primeiro capítulo *Das Minúcias ao engrandecimento*, a narradora expõe a justificativa por que precisou recontar a narrativa, fazendo-lhe acréscimos pontuais. A narradora inicia a narrativa afirmando crer que não se devem desprezar as minúcias de um relato, quando a tarefa a que se propõe é a de se aproximar do que lhe foi contado em sua quase totalidade. Nas palavras da narradora:

recontar é um trabalho perene, infindo. É preciso voltar sempre no afã de buscar os pedaços perdidos. E foi o que se deu...Vi vazios nos relatos. Como me esforço para ser fiel ao que me contam, mesmo sabendo da impossibilidade de cumprir tal propósito, tentei rearrumar os fatos que narrei. Perguntei a Tina sobre os pedaços faltantes. (EVARISTO, 2022, p.8)

Feitas as justificativas por que *Canção* necessitava ser recontada, a narradora segue seu diálogo com o leitor: “Posso afirmar agora que a história está quase completa, quase-quase. Apurei meus sentidos.”(EVARISTO, 2022, p,8). E a partir de então essa narradora se cala para mais uma vez escutar os relatos de Juventina sobre Aurora, Antonieta, Dolores e Dalva. Segue afirmando que a história das personagens presentes na primeira narrativa são ampliadas por essas acrescentadas.

São as lembranças das mulheres acerca de seus relacionamentos com Fio Jasmim compõem o enredo da narrativa. Essas lembranças constituem experiências em torno das quais se desenvolve o fio narrativo, que aproxima as personagens femininas. Uma dessas personagens é Juventina, chamada de Tina, professora de música que escreve uma partitura para Fio. É a responsável por reunir todas as mulheres no que ela mesma chama de confraria de mulheres. É a partir dos relatos de Tina que a narradora conhece cada uma das mulheres com quem Fio Jasmim se relacionara.

Por um descuido que não fica claro se da narradora em escutar ou se de Tina ao contar, algumas dessas mulheres são apenas mencionadas na primeira narrativa. Nas palavras da narradora, esse descuido a leva à tentativa de rearrumar os fatos narrados na intenção de remediar aquilo que os “sentidos deixaram escapar por ocasião da primeira narrativa de Canção...” (EVARISTO, 2022, p. 8). E segue afirmando que as histórias acrescentadas nessa segunda escuta são necessárias para que se possa apreender o que chama de sentidos ampliados pelo entrecruzamento dessas personagens.

Entrecruzamento de vivências e experiências da escritora, da narradora e das personagens, por vezes tão imbricadas nas tramas textuais, que induzem o leitor a se questionar a quem se referem. Nesse entrecruzamento se configura o ato premeditado de que fala Evaristo sobre sua práxis como escritora, inseparável de sua práxis social, sempre atravessadas pela condição de mulher negra, no sentido de coletividade.

Sobre esses entrecruzamentos de vivências e experiências ficcionais e sociais, Evaristo afirma o seguinte:

A escrevivência ela acaba trazendo a experiência de várias mulheres que no livro são vivências ficcionais, mas que são vivências que a gente observa no dia-a-dia; são vivências de pessoas concretas. O que me inspira a escrever Canção para ninar menino grande? Alguns homens que conheci, algumas vivências minhas e muito das vivências de mulheres que me circundam. Então, nesse sentido o que a obra tem a ver com a escravivência? Ela é profundamente inspirada em histórias reais (MATÉRIA BRUTA, 2023)

Mais uma vez, narrativas inspiradas em histórias reais, do cotidiano de mulheres negras, consideradas em sua coletividade. Ao ser questionada acerca de como a escrevivência pode trazer algo novo para a teoria da literatura pensar, Evaristo reafirma sua ousadia em acreditar e propor que a escrevivência está além da escrita de um sujeito individualizado, narcísico, que escreve por si. Para a autora:

escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade...Nos apropriamos das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos (EVARISTO, 2020 p.38).

Segundo Evaristo, na escrevivência o texto se encontra impregnado da história de uma coletividade, uma história de amores contada por muitas vozes. Em Canção, essa coletividade se materializa nas histórias de mulheres que viveram uma relação amorosa

dentro de um recorte de tempo, enquanto suas vidas seguiram adiante. Muito embora Fio Jasmim seja o personagem central, não é dele que partem as narrativas, mas de um coletivo de mulheres reunido em torno de Juventina e de sua confraria de mulheres.

Nas palavras da narradora, as histórias reveladas nesta narrativa ajudam a compor não só a “imagem caleidoscópica de Fio Jasmim “com seus sentidos ou dessentidos, mas também se propõe a entender o que ela chama de “o sentido das mulheres no movediço terreno da vida sentimental de Fio Jasmim” (EVARISTO, 2022, p.08). Por isso sua preocupação em captar como ouvinte a dinâmica de vidas que se confundem com a dela própria. Para a narradora, essas mulheres e o próprio Jasmim são próximos, representam vidas em seu entorno, necessárias a que seja provocada a escrevivência.

2.A leitura como inteligência do mundo

Após a volta ao Brasil, no início da década de 1980, Paulo Freire resolve reunir três artigos sobre a importância da leitura, as bibliotecas populares e a experiência prática de alfabetização de adultos que resultam na edição de *A importância do ato de ler (1989)*. Publicação que se converte em referência sobre a leitura em sua perspectiva crítica e traz conceitos fundantes do pensamento de Freire, sobretudo quanto a inserção dos leitores como sujeitos de sua própria prática de leitura.

Durante a abertura do Congresso Nacional de leitura em novembro de 1981, na cidade de Campinas, Paulo Freire fala sobre a importância do ato de ler. Para apresentar palestra, começa destacando a necessidade de ele próprio reler passagens de sua infância, fundantes do processo de construção de sua leitura de mundo e necessárias ao que passaria a expor adiante. Freire(1982) inicia a explanação retomando memórias de infância como leitura de mundo, antes mesmo desta se configurar como conceito fundamental de sua obra, para criar o contexto a partir do qual falará sobre a importância do ato de ler.

Para Freire(1982) a leitura não se esgota na decodificação da linguagem ou da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga no que ele chama de inteligência do mundo, a partir de uma concepção crítica da leitura. Aquelas memórias de infância são a inteligência de mundo da qual lança mão para experimentar a leitura como processo. Para o presente trabalho, interessa destacar a inteligência de mundo como aspecto significativo para a leitura de mundo, a partir da experiência que extrapola a mera decodificação de linguagem e de escrita.

Antes mesmo de ler a palavra escrita, o sujeito está diante do mundo e de sua leitura imediata. Como exemplo, Freire nos fala de suas primeiras leituras de mundo, a que ele se refere como sendo as de um mundo particular no qual se movia e que eram a casa da infância, com quintal cheio de árvores, no bairro da Casa Amarela, em Recife. Leituras possíveis apenas porque exercitava sua inteligência de mundo, percebendo-se naquele lugar como sujeito criança em diálogo com seu mundo particular. Daí a afirmação de que a “A leitura do mundo precede a leitura da palavra...” (FREIRE, 1989, p 9) . Uma leitura atenta à observação do complexo que o rodeava e que se diluía nas coisas simples de seu cotidiano, nas suas experiências e vivências como criança.

Freire chama atenção para o fato de a leitura se constituir como um processo do qual não se podem dissociar a linguagem e a realidade. Para Freire (1989), a linguagem e a realidade caminham juntas e se prendem em um jogo dinâmico, desde os nossos primeiros anos e ao longo de toda a nossa vida. Freire segue retomando memórias de sua vida

Ao ir escrevendo este texto, ia "tomando distância" dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo”. (FREIRE, 1989, p.9).

Ao falar acerca da retomada da infância e das memórias, por meio das quais busca a compreensão de seu ato de ler, reforça o quão significativo é esse movimento de retorno a um momento anterior à leitura e de como aquele contexto se alonga até o presente de sua fala no congresso. “Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra.” (FREIRE, 1989, p.9). Nesta afirmação se encontra o exemplo de leitura da palavramundo fundada na experiência vivida e anterior à palavra escrita, a partir da qual afirma recriar e reviver as experiências necessárias à leitura crítica.

As letras, palavras e textos do menino se encarnaram nas experiências vividas, nos sons, cantos, texturas e imagens. Segue a descrição apresentando as experiências sensoriais que compunham a memória e a leitura do mundo ao qual se refere como ‘o mundo imediato’. O contexto da primeira leitura, que chama de leitura de seu mundo, e que se torna a responsável por dissipar os temores da infância, dos sonhos e das sombras do menino de Recife.

Vivências necessárias, responsáveis pela leitura de seu mundo particular, que tornaram fluido o processo de aquisição de leitura de palavras no contexto escolar. Sobre esse processo a que se refere como o de decifração de palavras, afirma:

A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-neqro; gravetos, o meu giz. (FREIRE, 1989, p.11)

Da leitura da palavra mundo à decifração da palavra escrita, a experiência vivida e realizada no contexto de vida. Assim, nas palavras de Freire, leitura escolar não se realizava superpostamente à sua própria leitura de mundo imediato, mas na dinâmica de experiência social. A decifração da palavra como código linguístico fluía da leitura de mundo trazida daquelas experiências anteriores à escola. Segue a explanação pontuando momento de sua vida marcados pela importância do ato de ler e encerra chamando esse exercício de uma espécie de arqueologia de sua compreensão da complexidade do ato de ler.

Freire reflete sobre a necessidade de uma relação dinâmica entre a leitura da palavra e a leitura da realidade, a fim de que a leitura daquela não seja reduzida apenas à decodificação mecânica disfarçada de neutralidade; nem a leitura desta seja tomada pelo que chama de espontaneísmo acrítico e vazio. Tais reflexões tomam por base a experiência de alfabetização de adultos desenvolvida no contexto de São Tomé e Príncipe. Ao descrever o contexto no qual se deu a alfabetização de adultos, apresenta os Cadernos de Cultura Popular como materiais que, longe do mecanicismo e da neutralidade, serviram de base para o processo de alfabetização de adultos naquele país recém saído do modelo de exploração colonial. Vejamos:

Por isso mesmo os cadernos não são nem poderiam ser livros neutros. [...] O contrário da manipulação, como do espontaneísmo, é a participação crítica e democrática dos educandos no ato de conhecimento de que são também sujeitos. É a participação crítica e criadora do povo no processo de reinvenção de sua sociedade [...]. Esta participação consciente na reconstrução da sociedade, participação que se pode dar nos mais diferentes setores da vida nacional e em níveis diferentes, demanda, necessariamente, uma compreensão crítica do momento de transição revolucionária em que se acha o país. Compreensão crítica que se vai gerando na prática mesma de participar e que deve ser incrementada pela prática de pensar a prática. Neste sentido, a alfabetização e a pós-alfabetização, através das palavras e dos temas geradores numa e noutra, não podem deixar de propor aos educandos uma reflexão crítica sobre o concreto, sobre a realidade nacional, sobre o momento presente - o da reconstrução, com seus desafios responder e suas dificuldades, recuperar. (FREIRE, 1989, p. 23.)

Entendido que a leitura na perspectiva escolar não se realizara superpostamente, Freire(1989) , faz o relato da experiência de alfabetização de adultos em São Tomé e Príncipe, onde retoma e aplica o método de alfabetização que considera educandos como sujeitos de sua própria alfabetização.

Ao afirmar que os cadernos de alfabetização naquele país não poderiam ser livros neutros, e que precisariam portanto da participação dos educandos como sujeitos inseridos processo de alfabetização, Freire expõe na prática, como o método de alfabetização de adultos fluía, considerando os alfabetizandos como sujeitos de sua própria prática. Ao evidenciar o contexto daquele país recém saído do modelo de exploração colonial, não haveria como alfabetizar o povo sem participação crítica e criadora no processo de reinvenção de sua própria sociedade.

Assim como para Freire na infância, o contexto de sua casa, do quintal e dos arredores foram imprescindíveis para a leitura da palavramundo, para os cidadãos tomeenses, a compreensão crítica do contexto de exploração colonial era essencial a aquisição de uma leitura para além da decifração de códigos. As implicações sociais e coletivas dessa compreensão impulsionaram a alfabetização dos cidadãos naquele país, como sujeitos da reescritura de sua própria história, como coletividade.

Uma história reescrita pelo povo tomeense na qual a leitura de mundo se antecipa ao presente e se alonga ao passado, para tornar possível a reinvenção de uma sociedade por sujeitos inseridos no processo histórico e não somente representados nele. Na prática, o exercício de que a leitura de mundo precede a leitura da palavra em que a linguagem e a realidade se complementam dinamicamente por meio de leitores sujeitos de suas práticas.

3.Escrevivência e inteligência de mundo: leituras de mundo em diálogo.

Ao falar sobre a transição no processo da leitura de seu mundo particular para a leitura da palavra, Freire apresenta a seguinte experiência:

A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. [...] Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com

palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz. (1989, p.11)

No depoimento *Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita*, Conceição Evaristo nos apresenta o sua experiência inicial com a leitura de mundo que dialoga com Freire. Ao falar acerca de como nasce sua escrita, Evaristo retoma o gesto ancestral de sua mãe ao fazer desenhos do sol, no chão do quintal, para chamá-lo a enxugar os varais repletos de lençóis das patroas.

Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. (EVARISTO, 2005)

O chão, os cadernos feitos de papel de embrulho ou de papeis avulsos costurados e as revistas velhas recolhidas compõem os primeiros suportes de leitura e escrita de que dispunha. Esse é o gesto a partir do qual Conceição Evaristo experimenta a leitura de mundo imediato e suas relações com a leitura e a escrita. Prolonga-se desde os desenhos da mãe, passa pelo caráter utilitário e constrangedor das listas de roupas a serem devolvidas depois de lavadas, pelas redações escolares, pelas leituras na biblioteca pública na qual a tia trabalhava como servente, até a academia. Converte-se na premeditação de registrar uma escrevivência.

Meu texto literário não é inocente.[...] Particularmente, não faço questão de separar: aqui está a escritora Conceição Evaristo e aqui está cidadã Conceição Evaristo. Não separo. Quando me debruço para construir uma ficção [...] não me desvencilho da minha condição de cidadã, negra, brasileira, viúva, mãe de Ainá... Toda a minha subjetividade é a subjetividade da escritora. E essa subjetividade creio, contamina tanto o assunto que escolho para escrever, as personagens criadas, o enredo, como o próprio uso da linguagem (EVARISTO, 2020, p.42)

Conceição Evaristo nos orienta para a escrevivência em diálogo com a leitura de mundo proposta por Paulo Freire. A escrevivência é para a autora, o projeto literário premeditado no qual se encontra não só sua própria subjetividade como cidadã, mas subjetividade da escritora na escolha do que escrever; das personagens ao ocuparem seus lugares de fala; dos enredos que redimensionam os espaços e a perspectiva das narrativas e da própria linguagem, em sua aproximação com a oralidade.

Nas palavras da narradora em *Canção*, uma escrevivência que a leva a rearrumar o que narrara para assim poder “Agarrar a vida, a existência, e escrevê-la em seu estado

de acontecimentos” (EVARISTO, 2022, p.8). Ao afirmar que sua escrita se encontra atravessada por marcadores sociais, de gênero, de raça e de classe, observa-se presente na escrevivência a inteligência de mundo, uma vez que a autora escreve a partir desses marcadores como suas experiências, que se confundem com as experiências de personagens e narradoras

Assim a inteligência de mundo, necessária a que se estabeleça a própria leitura desse mundo, se apresenta como a subjetividade que contamina toda a práxis de Evaristo. Nesse sentido, a autora assume o comprometimento de escrever a partir de suas vivências e dar voz a personagens femininas tradicionalmente faladas a partir de um outro.

Segue afirmando que sua estética é profundamente marcada pela subjetividade experimentada ao longo da vida. Subjetividade que em suas palavras a deixaram incomodada com o fato de ter criado personagens femininas as quais não puderam contar suas próprias experiências.

Evaristo demonstra o comprometimento de que fala Freire (1982) diante da leitura da palavra que, além de preceder a leitura de mundo, deve ser capaz de escrevê-lo e reescrevê-lo para poder transformá-lo, por meio de uma prática consciente. Em Canção essa prática se realiza quando a narradora, sabedora dos vazios de falas, retoma a narrativa para permitir “buscar os pedaços da história que ficaram perdidos” (EVARISTO, 2022, p. 7)

Cabe à narradora, na busca pelos pedaços perdidos da narrativa, reescrevê-la de modo a que o tecido da narrativa não seja comprometido por silenciamentos de vozes femininas. E segue afirmando “Somente hoje trago, para vocês, as porções ausentes no tecido da história contada anteriormente [...] As histórias desvendadas neste segundo relato se vinculam à primeira narração.” (EVARISTO, 2022, p.8) para assim reconstituir a existência dessas personagens em seu estado de acontecimento.

Nas palavras da narradora:

As histórias de Juventina, de Neide, de Pérola Maria de Angelina e de Leonora, contadas desde a primeira narração têm os sentidos ampliados ao serem consideradas em seus cruzamentos com as de outras mulheres reveladas agora.[...] Posso afirmar agora que a história está quase completa, quase quase. Apurei todos os meus sentidos [...] (EVARISTO, 2022, p.8)

E segue finalizando as justificativas por que se preocupar com as minúcias da escuta, que juntas contribuem para o engrandecimento da narrativa.

Capto como testemunha ocular ou como ouvinte a dinâmica de vidas que se confundem com a minha, por algum motivo. [...] Eis o motivo de minha preocupação em escutar todas. São muitas, plurais e diversas as vozes que me provocavam a escrevivência.” (EVARISTO, 2022, p. 9).

Feitas todas as justificativas, a narradora retoma a narrativa editada em 2018 para fazer com os acréscimos das falas de Aurora, Antonieta, Dolores e Dalva.

Considerações finais

Este artigo objetivou apresentar como a escrevivência se configura em estratégia e narrativa de orientação da leitura em diálogo com a leitura de mundo proposta por Paulo Freire. Definidos os termos escrevivência e leitura de mundo, passou-se ao estabelecimento de diálogo entre Evaristo (2022) e Freire (1989) sobretudo quanto à aproximação dos conceitos no que se refere às experiências vividas por ambos, que neste artigo chamou-se de inteligência de mundo.

Diante do exposto, e com base nas falas da autora acerca da indissociabilidade de sua subjetividade daquela do texto e das personagens que o compõem, o gesto da narradora ao reconhecer que havia falhado em seu exercício, presente no capítulo Das minúcias ao engrandecimento, se constitui na estratégia narrativa que orienta a leitura do texto.

Por fim, é por meio dessa narradora em seu exercício de reconhecer os vazios e se propor a rearrumar a primeira narrativa apresentada em 2018, que a escrevivência orienta a leitura da obra. Cumpre a intencionalidade da escrita de Evaristo ao se aproximar e se identificar com as mulheres sobre as quais narrará. Reescreve sua própria experiência de escuta porque compreende que as vivências das mulheres a quem se propõe escutar são muitas, plurais e diversas, não podendo deixar pedaços da história perdidos.

Referências

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: EVARISTO, Conceição. *Nossa escrevivência*. Rio de Janeiro, ago 2005. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html> Acesso: 30 jun. 2023

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Col. Vozes da diáspora negra, v. 7. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. Nos gritos d'Oxum quero entrelaçar a minha escrevivência. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Colóquio de mulheres em letras: escrituras, valores, sentidos*, vol 5. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: *Escrevivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. DUARTE, Constância Lima; Nunes, Isabella Rosado. (Orgs.) Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022. P&B. ISBN: 9786556020891. Disponível em:
https://www.amazon.com.br/Can%C3%A7%C3%A3o-para-ninar-menino-grande/dp/6556020885/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=2GQ129BOHJ41G&keywords=can%C3%A7%C3%A3o+para+ninar+menino+grande&qid=1693482903&prefix=can%C3%A7%C3%A3o+para+ninar+menino+grande+%2Caps%2C276&sr=8-1. Acesso em: 05 mai. 2023.

MATÉRIA BRUTA #85: *Canção para ninar menino grande*. Entrevistada: Conceição Evaristo. Canal Curta. Rio de Janeiro, 28 jun.2023. Podcast. Disponível em:
https://www.google.com/search?q=materia+bruta+com+concei%C3%A7%C3%A3o+ev aristo&oq=materia+bruta+com+concei%C3%A7%C3%A3o+evaristo&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBCTk1MjhqMGoxNagCALACAA&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:015eeb59,vid:pONGbkNzr9o Acesso em: 01 jul.. 2023

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. Col. Polêmicas do nosso tempo, vol4. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.